

Discurso de Posse na Academia Ribeirãopretana de Letras

Adriana Silva – 10 de maio de 2013.

Em nome da presidente da Academia Ribeirãopretana de Letras Professora Dra. Rosa Maria de Britto Cosenza cumprimento a todos da mesa. Em nome da acadêmica Profa, Nilva Mariani, estendo meus agradecimentos a todos os acadêmicos. Obrigada pela presença de todos.

Entendi que este era um momento muito oportuno para fazer reflexões e agradecimentos, afinal, reuni pessoas queridas e não poderia deixar essa chance passar.

No lugar do discurso eu desejei fazer um poema. Pensei em ter uma trilha sonora enquanto falasse e imagens para ilustrar. E a escolha da trilha não podia ser aleatória. Pensei na música que eu mais gosto, Trenzinho do Caipira, de Villa Lobos, com interpretação das queridas Gilda Montans e Meire Genari. Eu queria emocioná-los e sabia que não conseguiria sem que antes eu me emocionasse, pois alguns sentimentos só provocamos quando por eles estamos tomados.

Eu queria falar um pouco de mim, coisas que vocês não soubessem, mas para fazê-lo, eu teria que ter um critério, então resolvi só falar sobre o que habita minha memória em lugar de destaque. Gosto de uma frase que diz “Tem mais importância na vida, aquilo do que nos lembramos” afinal, se não lembramos, não deve ter sido tão importante assim. Resolvi que só falaria sobre aquilo que de imediato viesse à minha memória quando estivesse escrevendo meu discurso que era para ser um poema, mas não sou poeta.

E acreditem, a primeira coisa de que me lembrei foi do meu avô João, conhecido como Dom, ele é a figura da simplicidade. Desde quando eu nasci, até quando ele morreu, ele nunca, nunca mesmo, disse meu nome. Acredito que achava difícil falar Adriana. Fácil de entender, ele era do tempo das Marias, Joanas, Aparecidas... Adriana era moderno para um homem como ele. A vida toda ele me chamou de Bastiana. Um dia, na rua em Bonfim Paulista, vendo que ele estava atrás, acelerei o passo para obrigá-lo a me chamar, queria ouvir ele dizer Adriana, mas isso não aconteceu, de longe ele gritou para quem pudesse ouvir: Bastiana.

Toda vez que eu ia para a pré escola eu pedia dinheiro para este meu avô, para comprar chiclete. Todo dia ele me dava 50 centavos. Quando eu fiz 6 anos ele me deu duas caixas inteiras com mais de 100 unidades de ping pong de tuti fruti. Foi um dos melhores presentes da minha vida.

E por falar em Bonfim Paulista, que bom que eu nasci ali, deu tempo de crescer devagar. Tenho muitas belas e grandiosas lembranças do lugar, guardo na memória, cheiros, sons, pessoas, queridas pessoas. Mas do que sempre me lembro é do meu trauma com o sino da igreja. Até hoje, em Bonfim, quando morre uma pessoa, o sino toca ,e alguém anuncia no auto falante da igreja o nome do falecido ou da falecida. Toda vez que eu ouvia o sino fora do horário das missas eu contraia os dedos para dentro da mão, com força, esperando que o nome a ser pronunciado não fosse nenhum da minha família.

Meu pai morreu quando eu tinha dois anos. Não lembro se ouvi o nome dele ser anunciado no auto falante, mas confesso, foram muitos anos de grande pavor.

Mas essa memória aterrorizante não apaga as boas lembranças que guardo da minha infância. Mesmo sem meu pai, tive uma mãe que trabalhou muito para que nada me faltasse. E nada me faltou, principalmente porque como o Saint Exupery eu também acho que o essencial é invisível aos olhos.

Foi lá em Bonfim Paulista que comecei a escrever. Comprei a minha primeira máquina com o meu primeiro salário, quando tinha 14 anos. Mas eu já escrevia antes disso. Tenho tudo guardado, a minha primeira história, o meu primeiro jornal feito com textos recortados e escritos à mão e depois xerocopiados. Não guardo essas coisas porque sou saudosista, guardo porque adoro coisas que não são deste tempo. Olhem essa mala, era da minha avó Maria, foi a única coisa que pedi para ficar comigo. Essa outra, era da minha avó Leonor. Nenhum familiar brigou comigo por essas heranças e para mim significam o que eu já tive e não tenho mais.

Os guardados da gente gritam quem somos nós. Torço para nunca ficar surda para não deixar de ouvir o barulho do tempo e nunca ficar cega, para não deixar de ver quem eu já fui.

Aos 15 anos fui uma menina inquieta. Ao lado de minha amiga Maria José queria criar um Instituto de Arte. Não reparem no português do ofício.

Escrevemos para o Presidente da República pedindo mais Cultura. Passamos um telex para o presidente José Sarney, mostrando nossa indignação com a realidade da cultura do país.

Depois saí pela cidade pedindo o apoio de pessoas que admirava, entre elas o Bassano Vaccarini, vejam a inocência de identificá-lo como pintor e o José Breda, na época dono da MPM, hoje NW3.

Criamos a AJA – Associação dos Jovens Artistas e representando este grupo, fui a Brasília participar da subcomissão de Educação e Cultura da Constituinte e pedir mais cultura na educação.

Aos 16 anos fui uma menina curiosa. Comecei a trabalhar no rádio, primeiro com o Antonio Magrini, depois com o Wilson Toni. Do policial ao esporte, cobri partida de futebol amador sem saber o que era um impedimento e o que fazia o zagueiro.

Fiz programa sobre cultura às dez horas da noite, em rádio AM. Com 18 anos fui uma jovem sem pudor social. Não sabia que algumas coisas não podiam. Com a ajuda do então deputado estadual Coraucci Sobrinho fui a São Paulo pela primeira vez sozinha, pedir ao Banespa, patrocínio para o meu livro de contos. Eles me ouviram, e é claro que a resposta foi não. Mas o Roberto Jábali da Jábali Aude Construções, sem me conhecer, disse sim e então, aos 21 anos, com a ajuda dele e do Wilson Toni, publiquei meu primeiro livro. Viajando. Agradeço aos dois, ao Gilberto que desenhou a capa e aos amigos que foram ao evento de lançamento, alguns presentes hoje. Saiu até no jornal A Cidade.

Já trabalhando na Secretaria da Cultura, conquistei amigos que queriam o mesmo que eu. Juntos, realizamos o primeiro simpósio de literatura e lutamos muito pela criação do Museu da Literatura, inclusive o secretário da época, Sérgio Lago.

Dos 20 aos 40 muitas coisas aconteceram. Felizmente para mim, fiz muitos amigos, pessoas que admiro e, comumente, me pego praticando a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Poesia que gosto tanto que até escrevi na parede de casa. Olho para as qualidades daqueles que amo e desejo o melhor deles para mim.

Desejo a docilidade da minha filha Mariah, que sofre com o sofrimento dos outros.

Desejo enfrentar a vida sempre de braços abertos como meu marido.

Desejo a seriedade e a lisura do meu irmão Marcelo, a força de trabalho da minha mãe.

Desejo a vivacidade e a definição de cumplicidade que consigo ter com as minhas cunhadas, elas não correspondem às regras das cunhadas.

Desejo a alegria de viver da Janaina, o senso de humor da Magleia, estar sempre de bem com a vida como o Kachassa e a confiança na vida da Paula.

Desejo ter a certeza da Cristiane de que no final vai dar tudo certo, porque para ela, se não deu certo ainda, é porque ainda não chegou o final.

Desejo ter a garra da Mariana, a disciplina da Margareti, a determinação da Isabel, a autenticidade da Luciana e chorar a toa, de felicidade como a Juliana.

Desejo ter tempo de brincar de trenzinho com meu afilhado Caio e de boneca com a querida Isabela.

Desejo escrever quantos livros já foram escritos pela Lucília Junqueira Prado, saber declamar como a Maria Lucia, contar histórias como o Luis Puntel, receber um prêmio Jaboti como o Isaias Pessoti, o Menalton Braff e a Lucília. Desejo dominar a língua patrícia como as professoras Ely Vieitez Lisboa, Rosa Cosenza e a Nilva Mariani.

Desejo ter fé em Deus como a Ruth, que sempre rezou por mim. Desejo a memória do Vicente Golfeto, o solidariedade da Cléo Reis.

Desejo transformar amigos em irmãos. Porque esta deve ser nossa principal meta.

Desejo retribuir a proteção àqueles que me protegem.

Desejo que amigos antigos estejam sempre presentes, isso faz a diferença na vida da gente, assim como desejo que os amigos novos fiquem sempre por perto até que se tornem amigos antigos.

Desejo saber agradecer àqueles que me deram oportunidades e sempre dizer obrigada. Agradecer àqueles que ao longo da vida me fizeram bem só sendo meu amigo, assim como foi meu instrutor o Wilson Roveri e que coincidência providencial, ocupar a cadeira 02 que também, em um tempo que já passou, foi dele.

Desejo ter a criatividade para colocar nome em projetos como o Márcio Coelho e a Ana Favareto e desejo também poder viver amizades como a dos dois.

Desejo cantar como a Verônica Ferriani, dançar como a Isabela Pessoti, fotografar muito tanto quanto fotografa a Elza Rossato.

Desejo conhecer a história da Grécia como conhecia o Prof. Nicolau Spinelli.

Desejo saber fazer homenagens aos homens de bem, assim como ao Dr. Walderley Caixe que ocupou, antes de mim, a cadeira número dois da Academia Ribeirãopretana de Letras.

Desejo ter a força deste advogado para defender causas, assim como ele defendeu os direitos humanos dos sem-terra e a liberdade da pátria. Desejo saber me opor ao que entendo errado, assim como ele ao fundar as Forças Armadas de Libertação Nacional e brigar contra a última ditadura militar brasileira. Desejo ter o mesmo espírito contestador que teve o Dr. Caixe nunca se calando diante daquilo que entendia injusto.

Desejo aprender a expressar meus sentimentos como fez Wanderley Caixe em seu livro "19 poemas da prisão e um canto da terra". Ele escreveu sobre o que viu e sentiu, assim como se pode ver ao ouvir o poema Diolina Camponesa.

Dionila camponesa despejada,
lavoura destruída e trecos no chão.
Sessenta e oito anos amainando a terra,
amainando os filhos, produzindo o pão.

Dionila da terra semente,
da terra o ventre,
do filho do chão.
Oitocentos mil pequenos proprietários,
quatrocentos e cinquenta mil posseiros e,
dois milhões de pequenos arrendatários,
/juntos na expulsão.

Acompanhados, os tratores chegaram com a
polícia e a ordem do juiz.

Não ficou casa,
/não ficou planta no chão.
Sua lavoura destruída
e seus trecos debaixo do pé de pau.

Mais uma favela vai ser construída de despejo,
de desemprego. De toda a injustiça do mundo.

Dionila, a cobiça é o chão!
Mexe nervos e músculos,
O que resta das rugas do rosto ao sol.
Faça da enxada as asas
/e como o pássaro, busque o céu!
Olhe aqueles que com a força dos seus braços
/ganham o mísero pão.

Seja a força para que eles continuem produzindo,
/a macaxeira, a batata e o feijão.

Dionila, dos altos dos céus:
Inspire a força dos seus filhos de Coqueirinho e Cachorrinho,
/ameaçados pela Usina Central Olho D'água.
Estenda seus braços por toda Alagamar,
Piacas, Caipora, Várzea Grande, Riacho dos Currais.
Vá aos agricultores da Fazenda Paripe,
/para eles enfrentarem a
especulação imobiliária.

Lembre-se da luta dos agricultores de Capim-de-Cheiro
/que há anos enfrentam a Usina Maravilha e, agora, os proprietários Assis e
Vasconcelos.

Dionila seja a força de Camucim,
do Sítio das Moças

de Taquara, do Sítio Arame, Capim-de-Cheiro, dos municípios de Alhandra,
Caapora e Pitimbu,
/que o inferno verde dos diabos da Fazenda Tabu está expulsando.
Seja a guarda de Joaquim, seu irmão de roça e da terra,
/ameaçado por todos aqueles proprietários rurais em Mangueira.

Dionila, nossa mãe camponesa,
Olhai os índios da Baía da Traição - da Nação Potiguar;
Olhai pelos pescadores da Barreira Grande,
Acaú, Tejucupapo e todos os outros;
Olhai por Mataraca, Sapé, Rio Tinto, Santa Rita, que
pelas mãos que as usinas vão matar, na calda envenenada,
nos pilares da cana-de-açúcar - a destruição do ar
- a destruição da terra - a destruição dos rios.

Dionila verta por nós as lágrimas que o despejo enxugou.
Dionila,
é o boi - o capim
é o trator - a cana
é o capanga - o latifúndio
é o policial - o poder
é a lei - a injustiça
é o dinheiro - o lucro que sua fome vai gerar
é o projeto do álcool
é o plano - o filho legítimo do sistema
é o que você não entende,
/o que seus olhos não compreendem
neste dia de Feliz Ano Novo.!

Desejo sempre agradecer a quem nos faz o bem, assim como Wanderlei Caixe o
fez, por isso, meu obrigada.

Sobre meu patrono, o poeta, escritor e contista da segunda geração romântica brasileira Álvares de Azevedo, desejo ter quantas dúvidas ele teve, tantas que chegou a ser chamado de “o poeta das dúvidas”. E assim desejo, porque as dúvidas nos impulsionam a saber o que não sabemos. Desejo que ninguém morra antes dos 21 anos como ele. Ao morrer o homem morreu o criador de Macário, escrito em 1850, de Lira dos Vinte Anos, de 1853 e de Noite na Taverna, de 1855. Ao morrer o homem, morreu o poeta criador de A Lagartixa, Meus Sonhos Ai, Jesus! Fragmentos de um Canto em Cordas de Bronze, Idéias Intimas, Lágrimas da Vida Lágrimas de Sangue, Luar de Verão, Malva Maçã, O Poeta Maribundo, Se Eu Morresse Amanhã, entre outras, não muitas outras, porque o poeta inquieto cheio de dúvidas morreu muito cedo.

Mas desejo também que ao morrer os homens e as mulheres que foram bons, não morram suas produções, assim como não morreu a de Wanderley Caixe e a de Álvares de Azevedo. Que entre sua alegria e sua tristeza escreveu que

"A lagartixa ao sol ardente vive,/ E fazendo verão o corpo espicha:/ O clarão de teus olhos me dá vida,/ Tu és o sol e eu sou a lagartixa".

e

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos/ Fechar meus olhos minha triste irmã;/ Minha mãe de saudades morreria/ Se eu morresse amanhã!".

Ao terminar, desejo por último, que todos vocês, pessoas que poderia nominalmente me referir, continuem por perto, pois na vida só vale a pena as amizades que fazemos.

Obrigada.